

UMA NARRATIVA QUE EXPERIMENTA DESCRIVER O TRAÇADO ENTRE A INFORMAÇÃO E O COLAPSO DA ONDA

Luciana Laudares Costa¹

Resumo: Esta é uma narrativa de um caso que teve início pelo menos 30 anos antes do resultado. Remota ou zero é a possibilidade de que a protagonista tenha tido, em algum momento deste espaço de tempo, qualquer ideia do que teria de oportunidades, escolhas e vontades. O certo é que eu tinha conhecimento de partes do processo e participei do resultado ocorrido como instrumento para isto. Eu sabia que havia premissas da Ontopsicologia que explicariam cada passo, mas eu não possuía cabedais teóricos para descrevê-los à época. No ano de 2020, iniciei o curso de Bacharelado em Ontopsicologia. No quarto ano de estudo, como trabalho final da disciplina de “Fisicidade, Informação e Nexo Ontológico”, fui, junto aos colegas, desafiada a apresentar uma prática explicando-a com a teoria aprendida durante as aulas. A história que vou contar veio como um *flash* em minha mente, no momento da provocação, mas eu caminhei por outras estradas e me perdi em todas até que voltei ao ponto de partida e tomei aquela que se apresentou primeiro. Com este relato breve e a busca de explicar conceitualmente os acontecimentos, não contemplo toda a teoria da Fisicidade. Conto uma experiência dentre todas que todos nós vivemos dia a dia, mas da qual consegui reter com clareza alguns fundamentos. Importante observar que não há passagens místicas ou mágicas, mas apenas técnicas: tanto em relação ao funcionamento do homem quanto das burocracias. Nem os recursos, nem a teoria se esgotam aqui, mas abre-se um possível modo de descrever experiências da realidade tempo-espaço, em linguagem da física quântica, com passagens de causalidades psíquicas.

Palavras-chave: Ontopsicologia; Fisicidade; realidade; linguagem; causalidade psíquica.

A narrative that experiments describing the trace between information and the collapse of the wave

Abstract: This is a narrative of a case that began at least 30 years before the outcome. Remote or zero is the possibility that the protagonist has, at some point in this space of time, any idea of what opportunities, choices and desires she would have. What is certain is that I was aware of parts of the process and participated in the outcome as an instrument for it. I knew that there were Ontopsychology premises that would explain each step, but I did not have the theoretical resources to explain them at the time. In 2020, I started the Bachelor's degree in Ontopsychology. In the fourth year of study, as a final work for the “Physicality, Information and Ontological Nexus” discipline, I was, together with my colleagues, challenged to present a practice explaining it with the theory learned during classes. The story I'm going to tell came as a flash in my mind, at the moment of provocation, but I walked along other roads and got lost in all of them until I returned to the starting point and took the one that first presented itself. With this brief report and the attempt to conceptually explain the events, I do not cover the entire theory of Physicality. I tell you one experience among all that we all live day to day, but from which I managed to clearly retain some fundamentals. It is important to note that there are no mystical or magical passages, but only technical ones: both in relation to the functioning of man and bureaucracies. Neither the resources nor the theory are exhausted here, but a new possible way of describing experiences of time-space reality is opened, in the language of quantum physics, with passages of psychic causalities.

Keywords: Ontopsychology; Physicality; reality; language; psychic causality.

Una narrativa que experimenta describir el camino entre la información y el colapso de la ola

Resumen: Esta es la narración de un caso que comenzó al menos 30 años antes del desenlace. Remota o nula es la posibilidad de que la protagonista tuviera, en algún momento de este espacio de tiempo, alguna idea de qué oportunidades, elecciones y deseos tendría. Lo cierto es que tuve conocimiento de partes del proceso y participé en el resultado como instrumento para ello. Sabía que había premisas de la Ontopsicología que explicaban cada paso, pero no tenía en ese momento los recursos teóricos para describirlas. En el año 2020 inicié la carrera de

¹ Graduada em Administração (UNIFENAS), Graduada em Ciências Contábeis (UNISUL), Graduanda em Ontopsicologia (AMF). E-mail: lu.cont.adm@gmail.com.

Licenciatura en Ontopsicología. En el cuarto año de carrera, como trabajo final de la disciplina “Fisicalidad, Información y Nexo Ontológico”, tuve el desafío, junto con mis compañeros, de presentar una práctica explicándola con la teoría aprendida durante las clases. La historia que voy a contar vino como un relámpago a mi mente, en el momento de la provocación, pero caminé por otros caminos y me perdí en todos hasta regresar al punto de partida y tomar el que se presentó primero. Con este breve relato y el intento de explicar conceptualmente los hechos, no cubro toda la teoría de la Fisicalidad. Os cuento una experiencia entre todas las que todos vivimos día a día, pero de la que logré conservar claramente algunos fundamentos. Es importante señalar que no hay pasajes místicos ni mágicos, sino sólo técnicos: tanto en relación con el funcionamiento del hombre como de las burocracias. No se agotan aquí los recursos ni la teoría, pero se abre una vía posible para describir experiencias de la realidad espacio-temporal, en el lenguaje de la física cuántica, con pasajes de causalidades psíquicas.

Palabras clave: Ontopsicología; Fisicalidad; realidad; idioma; causalidad psíquica.

1 Introdução

Este artigo contém uma história com uma série de fatos que culminam em um preciso resultado. Os acontecimentos, quando ocorridos, foram observados e eu sabia que se tratava de uma evidência, “uma exata relação de coincidência entre o objeto aberto e o íntimo de quem vê” (Meneghetti, 2012, p. 111), mas eu não possuía cabedais teóricos para explicá-los à época.

Antes, esclareço que ler sobre a Ontopsicologia foi algo que fiz desde quando conheci a ciência em 1998. Tudo fazia sentido, mas achava difícil reter as informações e mais ainda explicar qualquer parte. Era muita novidade, embora natural. Lia e relia os livros que já possuía, participava de grupos de estudos, conferências e aulas diversas, mas sempre esperando um momento para estudar de modo acadêmico, pois acreditava que seria nesta oportunidade que eu realmente passaria a reter o conhecimento. Enquanto a oportunidade não surgia, eu ia testando diretivas gerais que constavam em livros e saboreando gotas furtivas desta ciência, que, não sendo uma teoria, mas sim uma prática distinta e exata, ia exponenciando meu gosto e minha vontade de conhecê-la.

Primeiramente, conto que em 2009 houve um fato que criou algumas premissas. Em

maio daquele ano, aconteceu o falecimento de meu pai e, no dia imediatamente seguinte, minha mãe contou seu último sonho. Analisei o sonho e mostrei que ele apresentava a morte do marido e o que se daria em seguida com ela. No sonho, ela corria do quarto dela até a sala principal da casa, chorando e chamando por ele e, ao chegar à porta, ela o viu seguindo pela rua, dirigindo o carro, sem olhar para atrás. Ela ficou chorando, desesperada e observou que a casa não tinha mais móveis, mais nada. No meu entender, o sonho mostrava que ele estava “saindo” para não voltar e a ausência de móveis seria a diretiva para ela se mudar daquela casa. Meus irmãos e ela ficaram maravilhados, enquanto contavam-me que meu pai era, diariamente, procurado por pessoas da cidade as quais vinham lhe contar sonhos e pedir conselhos. Concluíram que eu tinha o “mesmo dom”, o que se espalhou entre as pessoas da família e amigos mais íntimos. Da minha parte, concluí também que, talvez, minhas leituras e a minha busca pela autenticação, através da psicoterapia, estivessem lustrando minha sensibilidade. Seja como for, depois disto, comecei a fazer igual ao meu pai, porém tendo acesso aos livros da Ontopsicologia (em especial, o *Prontuário Onírico*²), tentava

² MENEGHETTI, A. *Prontuário Imagógico*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006.

formalizar colocando-me como parte da experiência. Eis as premissas. Essa passagem reforçou em mim, ainda mais, a vontade e a necessidade de estudar a Ciência Ontopsicológica. Também disto veio a cliente sobre a qual narrarei os fatos e o resultado, tendo participado instrumentalmente de todo o processo.

Sinto estreitada a apontar aqui que, embora o estudo único e profundo de toda a teoria ontopsicológica me faltasse, eu buscava desenvolver minha percepção e me posicionava de modo a receber as informações que vinham. De qualquer modo, tinha muita cautela em usar qualquer passagem das minhas leituras e estudos por dois motivos: primeiro porque ressentia-me de macular a sensibilidade e o curso da vida do outro e, depois, porque não tinha, próximo a mim, quem validasse meu “conhecimento”.

No ano de 2020, eu comecei o curso de Bacharelado em Ontopsicologia. Uma das primeiras confirmações foi que a teoria ontopsicológica é construída unicamente com a prática. Assim, no quarto ano, como trabalho final da disciplina de “Fisicidade, Informação e Nexo Ontológico”, todos da turma foram desafiados a apresentar uma prática explicando-a com a teoria aprendida durante as aulas.

A história que vou contar veio como um flash em minha mente, no momento da provocação, mas eu caminhei por outras estradas e me perdi em todas até que voltei ao ponto de partida e tomei aquela que se apresentou primeiro. Eu pensei que narrar este caso poderia parecer arrogante. Assim, tentei isolar a primeiríssima pulsão, forçando identificar algo desviante. Mas, como nenhum

outro caminho fluía, entendi que deveria arriscar.

2 Método

O texto é uma narrativa autobiográfica, uma experiência vivida, portanto, uso os verbos na primeira pessoa do singular, “eu”, para escrevê-lo. A finalidade é contar uma série de fatos ocorridos no tempo e espaço com o resultado, extraíndo e destacando deles os conceitos da Fisicidade.

Após abrir alguns poucos e rápidos, mas creio suficientes, conceitos e argumentos sobre a ciência, primeiramente, narrarei os fatos e o resultado ocorrido. Nesta parte, pontuarei sobre a teoria somente em algum ponto em que eu me arriscaria perder minha linha de formalização. Em seguida, retomarei alguns pontos, apresentando a teoria formalizada com conceitos e explicações.

3 Ontopsicologia e Fisicidade

A Ciência Ontopsicológica nasceu da experiência clínica metódica realizada por um cientista que havia adquirido e formalizado uma “bagagem” ímpar de vida e de estudos. Prof. Antonio Meneghetti definiu três descobertas: Em Si ôntico – “princípio formal inteligente que faz autóctise histórica”; campo semântico – “transdução de forma ou informação sem deslocamento da energia”; e monitor de deflexão – “é um programa acumulado no interior das células cerebrais que age com interferência especular antecipando e defletindo a percepção egoceptiva com base em uma imagem dominante impressa durante o momento de

aprendizagem da vida: a infância” (Meneghetti, 2012, p. 84, 38 e 176).

O Prof. Antonio Meneghetti abre o argumento da Fisicidade recordando George Berkeley (1685-1753). O homem pode perceber, e acrescenta, mas somente o relativo a si. O corpo precisa estar sempre “acordado, atento” para conhecer o real que o contata. Assim, “cientificamente falando, para nós o real é real por quanto produz reversibilidade, funcionalidade e realidade como quer que seja para nosso existir ou ser aqui” (Meneghetti, 2015b, p. 7).

Como aponta Carotenuto (2009), não conhecemos um objeto em si mesmo, mas um conjunto de percepções que temos dele. A máxima de Berkeley é “*esse est percipi* = o ser é o ser percebido” (Carotenuto, 2009, p. 92).

O homem tem uma informação constante (constante H), que é seu modo de inteligência para fazer história. “A constante H é a forma que especifica a energia elementar existencial do Em Si ôntico humano” (Meneghetti, 2012, p. 60).

A informação da constante H possui infinitas variáveis, as quais especificam as informações inerentes ao humano dentro do universo informacional, do *continuum*, que é constituído de informações. “Quando compreendi o campo semântico, na realidade havia compreendido que todos vivíamos dentro de um campo em sentido energético (...) um campo de pontos-força” (Meneghetti, 2015b, p. 68). Do quanto existe, de toda a realidade, a constante H é, para o homem, a autoridade para reconhecer o que lhe é real.

Assim Meneghetti afirma que “a percepção é exata – no dado objetivo – mas quando o homem faz a sua elaboração racional, já está sob uma instrumentação que o

antecipa” (Meneghetti, 2015b, p. 10), que é o monitor de deflexão.

Resumidamente, o homem pode perceber, porque ele mesmo é uma informação específica dentro de um universo informacional. Conforme Meneghetti (2012), o homem é um campo semântico entre múltiplos outros, recebendo e emanando comunicados precisos no contínuo dinâmico. Porém, a racionalidade pode ser antecipada e a reversibilidade do real, defletida. Aqui é importante destacar sobre o código onírico que a natureza usa, descoberto pela Ontopsicologia, que são as imagens, pois essa reversibilidade é concreta – imagem x objeto, compreensão x ação.

Preciso também é lembrar a importância do homem ontológico, exato com sua função de ser e existir, autenticado através da terapia ontopsicológica. Essa autenticação pressupõe a consciente e decidida impostação de si mesmo: “como podes ver a verdade se antes não tolhes a trava que carregas dentro dos olhos?” (Meneghetti, 2015b, p. 33).

Na XXIII Summer University of Ontopsychology onde tratou da Fisicidade pela primeira vez, Prof. Meneghetti afirmou iniciar uma nova frente, onde era o único competente sobre “o que é a análise do comportamento da energia elementar” (Meneghetti, 2015b, p. 11). Esse artigo foi escrito com base no estudo do livro editado após esta Summer.

4 Relato do caso

O caso aconteceu em 2017 com uma cliente, a qual é uma pessoa que conheço desde a infância e a quem, de 2009 até 2020, auxiliei em diversas passagens na família e na carreira, inclusive com interpretações de

sonhos e com aplicação de passagens do livro “O Projeto Homem” do Prof. Antonio Meneghetti. Também lhe presto serviços administrativo-contábeis desde 2015 e, entre nós, está estabelecida uma relação de confiança.

Trabalhou dos 15 aos 20 anos como vendedora/sacoleira de peças íntimas. Aos 21 anos, em 1989, entrou como concursada para uma importante instituição bancária, tendo passado em 1º lugar. Desde 2015, 26 anos depois, queria deixar este trabalho, porque não mais se sentia profissionalmente realizada. Também já trabalhava como terapeuta nos horários livres e com estas atividades se sentia plena. Essa situação dava a ela o contraste e a certeza de que não deveria mais se dedicar ao banco, mas ainda precisava preparar a transição. A prudência sobre o momento da saída foi revelada em leituras oníricas, porém não há evidências de passagens técnicas e, portanto, não me deterei neste ponto. Importante aqui destacar a informação, aquela que depois condicionará toda a onda até o seu colapso. Trata-se da informação primordial e que passou a nortear ou constelar o que era um novo caminho profissional com ganho concreto do caminho precedente. Veremos isto no final.

A cliente me telefonou em fevereiro de 2017 e fez uma afirmação e uma pergunta: “o banco lançou um Programa de Demissão Voluntária (PDV) para quem tem 30 anos de contribuição com benefício de manutenção vitalícia do Plano de Saúde. Quem não tem 30 anos, também pode entrar no PDV, mas sem o benefício. Tenho somente 28 anos de contribuição, mas não quero perder o Plano de Saúde. Eu dei entrada no PDV (programa de demissão voluntária). Sinto que é o momento e

que não posso deixar passar. Deve existir algo na burocracia que se possa fazer. Há?” Ela já havia entrado em contato com outro profissional, mas ele disse que não havia o que fazer. Aqui ficou reforçada a informação como constante externa e condicionante do colapso de onda e, sendo informação, existe campo semântico.

Naquele momento, diante daquela força de vontade, fiz uma espécie de silêncio dentro de mim em busca de uma resposta e pude receptor o campo semântico. “O campo semântico consente sentir novidades emosensoriais no meu orgânico, a situação do outro. Ou seja, sou alterado pela informação consciente ou inconsciente do outro” (Meneghetti, 2015b, p. 13). Então, vieram à minha memória ou consciência diversos conhecimentos convergentes à solução, sendo eles:

- ✓ o tempo que ela era vendedora.
- ✓ o quanto ela era pessoa organizada.
- ✓ a lei que previa pagamento de contribuição não declarada, desde que se provasse o efetivo trabalho no período a contribuir (esta parte da lei havia sido alterada e, para os casos do tipo do dela, não teria solução a partir do ano seguinte).
- ✓ o fato de que ela tinha dinheiro suficiente para bancar declarações em “atraso”, com todos os juros e as multas.

Uma pessoa que nós duas conhecíamos também desde a infância e que, por acaso, eu soubera há pouco tempo que era especialista neste tipo de processo junto à Previdência

Social, trabalhando nisto há mais de 20 anos, com sucesso e reconhecimento da sociedade local (a cliente e eu havíamos saído da cidade natal há muito anos, mas a Maria³, a especialista, ainda morava lá).

Então, quebrei o silêncio e fiz duas perguntas:

- Tens guardado anotações que comprovam o tempo em que você era vendedora?

Ao que ela respondeu: “sim, tenho meus cadernos dos ‘fiados’”.

- Estás disposta a pagar contribuições ao INSS com juros e multa, referente ao tempo que for necessário para se aposentar? Ao que ela respondeu: “sim”.

Tudo passava pelo meu pensamento como um rio fluindo e ele era transparente. Eu via as ondas. Montei um esquema de ações em minha mente e passei para ela o passo-a-passo, porque eu sabia todas aquelas coisas que me vieram à memória, mas principalmente, eu sabia sobre a lei.

A este ponto da história podemos verificar a demonstração do sujeito e do objeto na informação: “um chama e encontra o outro: o objeto apresenta a sua concreta, rígida situação; o sujeito pode manipular, tem outro potencial para interferir [...]” (Meneghetti, 2015c, p. 47).

Passos:

1. Reunir provas: cadernos de “fiados” e microfilmagem dos extratos do banco que comprovem as entradas de pagamentos ou depósitos feitos à época.
2. Procurar o contato e falar com a Maria (a especialista): “quero contribuir com

1 ano como autônoma referente ao ano em que tiveres as anotações e as microfilmagens” e explicar as provas que possui e o prazo da análise do seu PDV na instituição.

3. Aguardar orientações da Maria e seguir as informações.

4. Dia sim, dia não me informar os andamentos.

Por meu pedido, ela me enviava, dia sim, dia não, mensagens relatando como estavam os andamentos. Eu conhecia o processo e queria me certificar que a Maria estava seguindo o protocolo correto. A cada passo, a cada relato, eu percebia que a informação se mantinha. Mesmo quando ela dizia: “a Maria disse que vai ficar caríssimo!”, eu afirmei “vai ficar pagável e com um bom ‘custo/benefício’, peça e aguarde o cálculo”.

Em setembro do mesmo ano ela estava aposentada e em poucos meses estava demitida voluntariamente com todos os benefícios. Eis o colapso da onda.

5 As concausas do evento

No caso apresentado existem dois momentos da informação. No primeiro ponto, demonstra-se que havia o instinto, a força, o impulso, significa que havia “a relação prioritária de desenvolvimento de maior realidade entre o ambiente e o indivíduo” (Meneghetti, 2012, p. 138). A cliente se encontrava num lugar que não a identificava mais (impulso para sair), porém ainda era útil e funcional (historicamente ainda deveria ficar). No segundo ponto, houve a “intencionalidade do Eu”. Isto significa que naquele momento houve uma força especificada, ou seja, “[...] decisionalidade

³ Nome fictício escolhido por mim.

consciente com a qual se formam atos de vontade” (Meneghetti, 2012, p. 141). Eu diria que, neste ponto, ela “lançou a onda”.

Seguindo no caso, é possível verificar que esta informação, que era um instinto, que se tornou uma intencionalidade, agora é um “assinalar a ação [...] introduzir novidade de fim no interior de um contexto dinâmico ou vital” (Meneghetti, 2012, p. 137). Demonstrou-se, no final do caso, no resultado, que “a informação é uma constante fora do colapso de onda [...]. É a informação que condiciona, age, manipula colapso de onda [...]” (Meneghetti, 2015b, p. 101).

Quando eu intercepto o campo semântico, colho a intencionalidade informática. “O campo semântico é a fenomenologia da intencionalidade de uma individuação para uma outra, sem transdução energética” (Meneghetti, 2015b, p. 100). Este é momento em que eu, receptora, colho a informação e num *flash* vejo passado e futuro. Recebo o impacto daquele campo, vejo algumas causas, mas “na realidade estão presentes dezenas de concausas [...] que consentem o relevamento da causa ou das causas que determinam aquele efeito que coenvolve e interessa a pessoa” (Meneghetti, 2015b, p. 101).

Em seguida acontece uma conformidade semântica. “[...] o campo semântico é válido no interno da especialização de operação, de estudo, de ação que nós temos” (Meneghetti, 2015c, p. 45). Aqui, entrou a minha experiência e conhecimento teórico. Caso acontecesse tudo até o ponto dois e eu não tivesse o preparo de conhecimento, aquela onda semântica teria perdido força. Talvez eu até mesmo desestimulasse a cliente, tirando-lhe o ímpeto de fazer exatamente como ela queria: aposentar-se recebendo os

benefícios. No livro, o Prof. Antônio Meneghetti dá o exemplo de um médico na ocasião de uma cirurgia, que “entra e colhe a situação do órgão” (Meneghetti, 2015c, p. 45). No caso, eu fiz confronto intelectual entre a situação e as possibilidades legais e dei a resposta. Por fim, o colapso da onda, que, no caso, gosto de chamar de “desfecho da festa”.

[...] é a queda de um potencial em efeito mensurável concluído – que por sua vez determinará um outro, em cadeia – e isso advém por prevalência holística de uma informação próxima ou sincrética ou decisionalidade holística do agente em contato àquela onda [...] A onda preexistente desaparece porque se reforma no modo imposto pela nova decisionalidade de fato: é a capacidade de informar substituindo a informação preexistente. Isto significa que o futuro é sempre mutável, o presente condiciona constantemente o futuro, e o passado determinou o presente (Meneghetti, 2015b, p. 94-95).

A onda preexistente que desaparece é o trabalho na instituição bancária, o qual não mais a satisfaz e a nova decisionalidade de fato é trabalhar somente como terapeuta estando aposentada com benefícios. Aproveito para destacar a importância do passado, como condicionador do futuro: o trabalho como vendedora autônoma, organização com seus documentos, papéis etc. foi decisivo para o resultado.

6 Considerações Finais

Com este relato breve e a busca de explicar conceitualmente os acontecimentos não contemplo toda a teoria da Fisicidade. Conto uma experiência dentre todas que todos nós vivemos dia a dia, mas que reproduz alguns fundamentos. Da informação codificada da chave ao motor do meu carro – *ab intus ad intus* – posso usá-lo para viajar ao campo. O universo é informação e o

importante é que devemos verificar sempre se ela é verdadeira, sendo nós autênticos e verdadeiros.

No caso descrito houve uma constante intencionalidade que nas ações históricas encontrou outras intencionalidades com mesmo vetor. Por exemplo, eu, instrumento que fui, tinha a intenção de atender bem a cliente e continuar com ela em minha carteira. Maria, outro instrumental, tinha a intenção, provável, de obter um honorário a mais naquele período. Não havia motivos históricos ou informações semânticas que tirassem a força daquela intenção. Somente havia a necessidade de cuidar para que não surgissem forças contrárias, enquanto as passagens espaço-temporais necessárias eram realizadas.

Importante observar que não há passagens místicas ou mágicas, mas técnicas. Tanto em relação ao funcionamento do homem quanto das passagens burocráticas. Nem os recursos, nem a teoria se esgotam aqui, mas abre-se um possível modo de descrever experiências da realidade tempo-espaço, em linguagem da física quântica, com passagens de causalidades psíquicas.

Referências

CAROTENUTO, M. **Histórico sobre as teorias do conhecimento**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Fisicidade e Ontologia: a relação crítica entre física nuclear e Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, A. **Ontologia da Percepção**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015c.